

Primeiras lições

MARILSA RIBEIRO

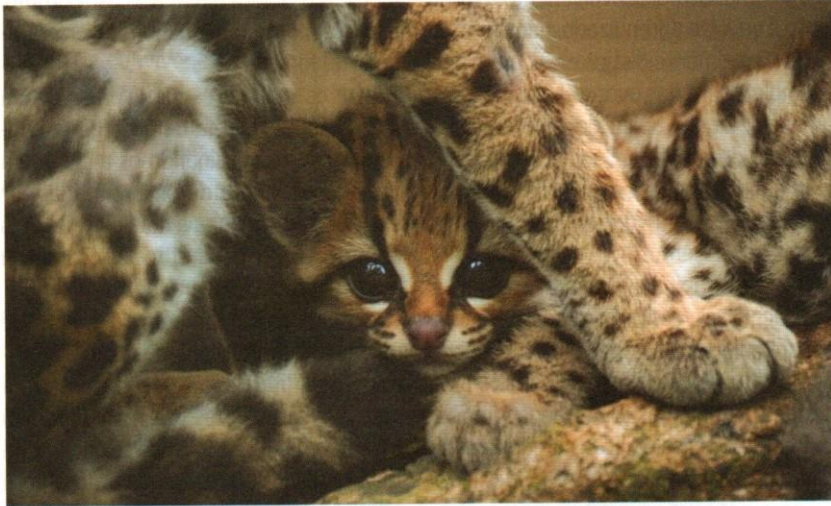


Tão logo nascem, os filhotes começam um intenso curso de sobrevivência. Com ou sem os pais. A grande maioria dos girinos de sapos, rãs e pererecas e dos filhotes de peixes, lagartos, tartarugas, jabutis e serpentes ficam na categoria mais que precoces: precisam se virar sozinhos desde o instante em que saem dos ovos, confiando apenas no instinto e na sorte para encontrar alimento e se proteger dos predadores. Alguns, aliás, até precisam quebrar sozinhos a casca de seus ovos e sair cavando a terra ou a areia que lhes serviu de chocadeira, como é o caso das tartarugas, cágados e jabutis.

Veadinhos, queixadinhas, catinhos e capivarinhas entram na categoria seguinte, a dos precoces: mal nascem (de olhos abertos), já se levantam e saem andando. Precisam



MATHEUS JEREMIAS FORTUNATO



acompanhar a mãe e manter o passo com o grupo familiar, pois ficar para trás significa virar presa fácil. Alguns ainda têm manchas ou pintas no dorso, que os ajudam na camuflagem em meio à vegetação, no entanto, não contam com a proteção de ninhos ou tocas. Não se afastar da mãe, portanto, é a lição mais importante de sua infância.

Ainda como precoces podemos considerar os filhotes de jacarés, cetáceos e outros mamíferos aquáticos. Todos eles nascem sabendo nadar e se comunicar. Não saem sozinhos no mundo de imediato, mas são capazes de identificar o perigo e pedir socorro, se necessário, contando com a proteção atenta de suas

O filhote de gato-maracujá precisa aprender a caçar (acima); os filhotes de capivara (à esq.) mal nascem já têm que andar atrás da mãe; os de primatas (no recorte) são os mais dependentes

mães.

Ratinhos silvestres de todos os matizes também entram na categoria dos precoces, embora muitos nasçam de olhos fechados e pelados,

num ninho bem escondido. Como seu desenvolvimento é muito rápido, em pouquíssimo tempo já estão dominando o ambiente e as manhas necessárias para se manterem vivos. E haja manha, pois os pequenos roedores estão na base da cadeia alimentar, visados como prato principal no cardápio de cobras, aves de rapina, raposas, gatos e cachorros do mato e outros tantos carnívoros.

Na categoria dos dependentes ficam os filhotes de aves e os de mamíferos, cuja proteção da mãe, do pai, ou de ambos,



dura poucas semanas, um a dois meses, no máximo. Seu desenvolvimento é mais lento e envolve aprendizado, não raro em fases visivelmente distintas. As aves, por exemplo, saem dos ovos peladas ou com uma plumagem típica de filhotes, diferenciada dos adultos. Só vão trocar essa plumagem por penas de verdade quando estiverem aptas a voar e então já serão jovens adolescentes.

As aves de rapina e os maiores mamíferos caçadores, assim como os primatas ou animais muito especializados ficam numa categoria de desenvolvimento ainda mais lento, a dos muito dependentes. Em geral, os casais dessa categoria têm filhotes únicos ou, no máximo, gêmeos. No caso das aves de rapina, o irmão mais forte mata o mais fraco na primeira oportunidade e os pais cuidam do sobrevivente juntos. É muito alta a energia necessária para alimentar um filhote desses até ele aprender tudo o que deve saber de forma a ter sucesso na vida. Não dá para um adulto só. E se porventura –

A única proteção dos filhotes de quero-quero (abaixo) e do frango d'água (à esq.) é ficar perto dos pais. O pequeno sagui-de-tufo-preto não sai das costas da mãe (no recorte)

ou melhor, por desventura – um dos pais morre e o filhote ainda não está pronto, provavelmente o pequeno morrerá também, de fome.

Entre os mamíferos carnívoros, cabe à mãe a (longa) tarefa de proteger e educar os filhotes, ensinando-os a caçar e a brigar. Um filhote de onça-pintada, por exemplo, acompanha a mãe durante dois anos e meio até estar apto a procurar um novo território e se virar sozinho.

Dois anos e meio também é o tempo que um filhote de muriqui, nosso maior primata, fica literalmente dependurado na mãe. E muitas vezes até mamando! Ao nascer, o filhotinho só sabe se agarrar na mãe e mal utiliza os longos braços para passar para as costas do pai. Demora seis meses para ele 'desgrudar' e começar a brincar com outros filhotes. Com um ano aprende a se alimentar, mas só nas árvores indicadas pela mãe. E mais

um ano e meio se vai até o dia em que a mãe esteja pronta para acasalar novamente, quando ela então expulsa o be-



LIANA JOHN

bezão de perto de si. Há registros de filhotões que choram desconsolados por 15 minutos por terem perdido o colo!

Para animais com vida social, o aprendizado dos filhotes ainda inclui as regras de convivência e 'etiqueta' do grupo. Muito cedo, qualquer filhote percebe quem manda, pois os adultos alfa – como são chamados – costumam comer primeiro e gritar mais alto. As mães protegem os filhotes novinhos e eles precisam aprender a se defender por conta própria, em geral usando a rapidez da juventude em seu favor. Alguns demoram a alcançar a independência, repetindo muitas vezes os mesmos erros antes de serem considerados adultos.

Entre os primatas, não é raro que os filhotes mais velhos ajudem os pais a cuidar dos recém-nascidos, carregando-os ou catando bichinhos em seu pelo. Em grupos sociais muito numerosos – como os de micos-de-cheiro, que podem chegar a 300 indivíduos – as mães podem contar com a ajuda de outras fêmeas adultas sem filhotes e sem parentesco próximo. Essas 'tias' se aproximam do filhote apenas temporariamente, enquanto ele precisa de cuidados mais intensivos.

Nesses grupos sociais, atingir a puberdade, para uma boa parte dos filhotes, pode significar bem mais do que deixar de depender da mãe ou dos pais para comer. Pode significar a expulsão do grupo. O recurso parece um tanto rigoroso para com os jovens, mas é eficiente para evitar o excesso de consanguinidade no bando. Os jovens expulsos saem em busca de novos territórios e acabam formando família com outros solteiros não aparentados. A expulsão mais comum é a dos jovens machos, mas existem espécies cujas jovens fêmeas é que saem.



FERNANDA MITIDIERI ORTIZ DE MENEZES

LIANA JOHN

